

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ CENTRO DE ESTUDOS DO MAR - SETOR LITORAL

Grupo de Pesquisa: Educação e Emancipação da Ciência e da Tecnologia

Linha de Pesquisa: Educação, Fenomenologia e Emancipação.

Laboratório Educação e Emancipação (LEEMA)

Site: prof.jacob.com.br

Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim¹

ernestojacobk@gmail.com

Fevereiro de 2018

PRINCÍPIOS ECO-VITAIS COMO REFERENCIAIS DO BEM VIVER NA EDUCAÇÃO DA EMANCIPAÇÃO.

Resumo

Este texto debate a Educação como possibilidade de viabilizar a emancipação da vida. Essa posição se sustenta na perspectiva de superar o que, no modelo civilizatório vigente, o qual se mostra condescendente com a marginalização, a miséria e a barbárie. O texto inicia com um convite para cada leitor identificar aspectos de sua cosmovisão, enquanto integrante de um povo, para compreender como se organiza a dimensão vital do meio em que vive. Com base nesse debate inicial o texto apresenta os Princípios Eco-Vitais amparados em alimento, abrigo, ocupação, afeto, partilha, cuidado e espiritualidade com dignidade, como a matriz para a constituição do Ethos (esteio da barraca) sob o qual cada povo e cada pessoa se constitui como ser vocacionado para a libertação e para o “*Ser Mais*,” freiriano. A Cosmovisão, os Princípios Eco-Vitais e o Ethos, conduzem ao BEM VIVER que se apresenta como uma alternativa de reinserção e resgate da humanidade roubada dos humanos pelos processos opressores que permeiam o contexto da vida planetária. O texto encerra com a indicação do BEM VIVER, por meio da Educação da Emancipação, integrada à Pedagogia da Pachamama, como movimento que passa da resistência à insurgência, para a libertação, emancipação e reinserção do humano no contexto civilizatório.

Palavras Chave: Educação da Emancipação; Princípios Eco-Vitais; Bem Viver; Cosmovisão e Cultura; Pedagogia da Pachamama.

1. Considerações iniciais

A educação numa perspectiva de emancipação como superação da alienação e da submissão colonial, demanda uma pluralidade de posições, ao se considerar a natureza humana e a capacidade de cada pessoa, promover ações e reações aos desafios postos, com base em seus registros vivenciais e ancestrais. Assim, para a educação se assumir como processo de resistência e insurgência, esse artigo aponta a necessidade de cada pessoa se reconhecer como ser político, para então promover mudanças no modelo civilizatório, no qual estamos imersos, o qual se mostra condescendente com a miséria, a marginalização e a barbárie. Essa ação implica em promover uma dinâmica que contemple a compreensão de que a educação é algo maior e mais complexo que a escolarização.

Com esse foco insurgente e revolucionário essa comunicação tem como propósito trazer para o debate, o Bem Viver como interação com os Princípios Eco-Vitais², para se caracterizar

¹ Lotado no Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná, como docente e pesquisador na área da educação e das questões referentes à postura filosófica Anti-Colonial, a favor de vida emancipada e com autonomia.

² Os Princípios Eco-Vitais tiveram sua gênese nos debates desenvolvidas no Centro de Direitos Humanos de Petrópolis (RJ), no final da década de 1970 com apoio do então Frei Leonardo Boff. Depois com os encontros do autor deste artigo, com o Dr. Homero Coutinho, em reflexões de orientação particularizada para a compreensão do sentido da existência social e política dos humanos, no final da década de 1970 e início da década de 1980. Sua organização nos moldes como se apresentam nesse texto, é decorrente dos debates e estudos desenvolvidos em

como alternativa para pensar a educação, de forma a possibilitar a superação da consciência ingênua, romântica e asséptica, pela consciência crítica e fenomenológica, capaz de gerar autonomia, emancipação e libertação com responsabilidade planetária.

Para atender a essa perspectiva, a dimensão ontológica na voz de diferentes autores, evidencia a natureza humana como referencial básico, para a consciência da cosmovisão e da cultura a que as pessoas estão submetidas. A ontologia como elemento de debate referente à dinâmica e à natureza relacional é, portanto, elemento essencial para a compreensão da responsabilidade dos humanos com a qualidade de vida planetária. Essa dinâmica da consciência que as pessoas desenvolvem com base em seu cotidiano, tem na proposição de Princípios Eco-Vitais, um conjunto de atributos, sem os quais, a vida com dignidade não se consolida. (KEIM e SANTOS, 2012)

A ontologia no contexto deste artigo está posta como compreensão, de quem e de como cada pessoa é, em si mesma. Dessa forma a cosmovisão se caracteriza como compreensão de quem a pessoa é, com base nas tradições e costumes desenvolvidos desde a ancestralidade, de seu grupo étnico e social. A ontologia e a cosmovisão mostram, nesse texto, argumentos para debater a natureza da dinâmica educativa escolar e não escolar. Assim, o foco deste artigo é o debate da pessoa inserida no contexto da planetaridade e da mundialização, na perspectiva de ações e proposições educativas.

Cabe destacar que a planetaridade se caracteriza como reverência à Pachamama (mãe terra) que acolhe a vida e os humanos em seu seio, apesar de sofrer as consequências dos desastros desencadeados pelas instituições extrativistas e descomprometidas com a vida, desencadeadas por alguns humanos (SANTOS, 2004). Esses desastros, de certa forma estão marcados pela forma como essas instituições geradas e regidas por humanos, e não pelos humanos, como um todo, as quais adotam meios de produção que promovem relações que podem ser apontadas, como de barbárie e devastação irresponsável com a vida planetária e a complexidade do Cosmos. Essas atitudes irresponsáveis, mas naturalizadas como necessárias, são de certa forma amparadas na crença de os humanos serem, donos e senhores do planeta, o qual se apresenta, conforme essa crença, como celeiro inesgotável de materiais e recursos.

Assim, planetariedade se refere às questões relacionadas com a Terra enquanto astro celeste e corpo astral. Em contrapartida, a mundialização se refere aos aspectos e características que os humanos acrescentaram e acrescentam ao que já existe no planeta, transformando-o em mundo.

Com essas premissas esse texto se propõe a debater a interferência dos humanos numa dimensão de responsabilidade com a vida planetária e mundial, e para tal, toma por base a perspectiva do Bem Viver, referendado nos Princípios Eco-Vitais. Essa expressão, o Bem Viver, “*SUMAK KAWSAY* ou *SUMA QAMAÑA* ou *ÑANDEREKO*”³, de origem andina se caracteriza como um meio pelo qual a humanidade, com base na cosmovisão desses povos originários, pode ser reinserida como referencial de organização da vida humana, numa perspectiva de abundância e civilidade que tenha a vida como referencial maior. Essa posição diferencia **Bem Viver**, de Qualidade de Vida e de Viver Bem, por que considera que qualidade de vida e viver bem, como é propagada pelo contexto civilizatório amparado no mercado, referenciado na competição e na

muitos encontros do Grupo de Pesquisa EDUCOGITANS, durante a década de 2010, vinculado ao programa de mestrado em educação da Universidade Regional de Blumenau, permanecendo incompleto, inconcluso e inacabado, pois é abordagem viva e mutante.

³ SUMAK KAWSAY no idioma quéchua ou SUMA QAMAÑA no idioma aimará ou ÑANDEREKO no idioma guarani, significam BEM VIVER.

acumulação individualista, caracterizam-se como processo suicida e anti-vida. Assim esse texto tem a clara opção de debater criticamente, o legado do mercado sobre a vida e a dignidade humana.

2. Cosmovisão, uma mediação da Educação da Emancipação

Inicialmente, esclarecemos que Cosmovisão se caracteriza como uma postura pessoal e coletiva, de olhar o mundo, para dentro do mundo. É uma ação de como cada pessoa, a partir de seu grupo social e de sua herança ancestral se sente mergulhada, no que considera como sendo seu mundo. Assim Cosmovisão é muito mais que um olhar o mundo, é um olhar para o mundo, é um olhar do mundo para si mesmo, sendo você o mundo como parte integrada ao mundo, por isso se vê. É um olhar atento e assumido para o que vem a ser o seu mundo, construído com base nos conhecimentos ancestrais e nas tradições, costumes e crenças construídas e consolidadas pelos seus pares. Cosmovisão é também uma postura de se dar conta, de assumir o mundo como seu, fazendo sempre um inventário referente ao envolvimento de cada pessoa, com base em sua ancestralidade, com o que poderíamos chamar de “seu povo” ou de forma mais popular, como “sua turma”, a qual, de certa forma, estabelece condutas, que estão presentes na vida atual de cada pessoa.

Assim, a cosmovisão tem sentido de percepção e análise com a interação do presente, influenciado pelo passado de forma subliminar e sutil, e para compreender essa posição, você leitor está sendo convidado agora, a aceitar o desafio de realizar uma reflexão, que tem como foco a recordação de sua ancestralidade. Essa atividade consiste em você dizer, para si mesmo, o nome completo, a cidade onde nasceu e o que mais gostavam de fazer: seu pai e sua mãe; seus 4 avós; seus 8 bisavós; seus 16 trisavós; seus 32 tetravós; seus 64 pentavós... (KEIM; SANTOS, 2012)

Essa breve pesquisa pode gerar algum embaraço, talvez pelo fato de as pessoas desconhecerem seu passado e suas origens étnicas, e isso pode evidenciar certa fragilização em sua consciência de ser pessoa. Uma visualização do dilema circunscrito nesse desafio familiar, pode de forma metafórica, convidar o prezado leitor, a se configurar como uma árvore frondosa, que tenha os níveis investigados sobre a ancestralidade, como se fossem níveis de profundidade das raízes dessa árvore. Essa metáfora aponta para a possibilidade, de que aqueles que conhecem as respostas apenas dos pais ou dos avós, terem raízes muito superficiais e por isso terão menos resistência para enfrentar os fortes ventos, como desafios apresentados pela complexidade do cotidiano, que desafia a cada dia.

Dando continuidade à investigação que tem, inicialmente, o propósito de promover a compreensão de que todas as pessoas têm uma ancestralidade e, junto com essa herança, cada pessoa carrega de forma subliminar, posturas e compreensões de mundo e da vida, que são responsáveis por compreensões do mundo e por tomadas de decisão. Essas são marcas, das tradições e da cultura do conjunto social, correspondente à sua ancestralidade e se constituem como elemento importante para a compreensão da fenomenologia. (BACH JR, 2015)

Partindo dessa premissa e considerando que é importante e fundamental, que as pessoas reconheçam as marcas que interferem e influenciam vivamente seu cotidiano, e assim, convido novamente o leitor a responder e refletir, ao conjunto de questões apresentados a seguir, as quais têm como foco desafiar sua consciência, como ser integrado a um “povo” ou a uma “turma”, o que de certa forma, contribuiu para a construção de sua personalidade.

Consideramos, no contexto deste texto, que povo e “turma” se configuram ao conjunto de pessoas que se organizam e convivem em comunidade, com base em alguns preceitos de poder e de força, com os quais estabelecem acordos de convivência, e reagem aos desafios que vêm de

fora para dentro. Dessa feita um povo pode ser considerado como a base de organização de uma nação, como por exemplo, a nação Tupi é constituída por diferentes povos indígenas, que ocupam diferentes espaços geográficos.

Com base nessa conceituação diga a que povo e a que cultura você está vinculado?

Para contribuir na elucidação de como a resposta a essa questão faz sentido em sua existência, como ser humano terráqueo, identifique qual é sua ascendência étnica para refletir sobre as questões apresentadas a seguir. Essa proposição tem a finalidade de você, prezado leitor, identificar-se e reconhecer-se como ser que tem raízes, as quais podem ter seu reconhecimento e sua representação mais desenvolvida.

Assim, sintonizado nessas respostas destaque, reflita e descreva:

- ✚ sofrimentos e glórias do povo a que pertences.
- ✚ temas referentes à valentia, rebeldia e passividade do seu povo.
- ✚ formas de comunicação e as expressões culturais tradicionais de seu povo.
- ✚ músicas, danças e rituais de seu povo.
- ✚ cerimônias e rituais de nascimento e morte, e diferentes ritos de passagem.
- ✚ crenças e adorações na relação entre o que é sagrado e profano.
- ✚ relações com a corporeidade material, a dimensão imaterial e a dimensão transmaterial e também a espiritualidade de seu povo.
- ✚ a história das relações de poder e da organização social originária.
- ✚ formas com que lidam com o gênero e a organização familiar.
- ✚ métodos de tratamento de doenças e cuidados para a saúde.
- ✚ castigos e premiações, bem como o conceito de ética e moral e de direito e justiça.
- ✚ como se dá a distribuição do trabalho e a construção do que é necessário à vida.
- ✚ em que consiste a diversão e o lazer de seu povo.
- ✚ a obtenção e preparo de alimentos tradicionais.
- ✚ as formas e meios para transmissão dos conhecimentos.
- ✚ a relação com os componentes ambientais e planetários.
- ✚ a vida das pessoas com relação aos astros e à visão cósmica do povo.
- ✚ a forma como o povo lida com o desenvolvimento da infância até a senectude.
- ✚ os cuidados, o lugar e a forma de agir com as crianças e com os idosos.
- ✚ como se dá a formação do “amante” e do “guerreiro” no seio de seu povo.

Essas questões nos desafiam, pelo fato de estimularem a vigilância necessária para a percepção, no cotidiano de cada pessoa, sobre quais as matrizes que herdamos, como fortalezas e também como fragilidades, norteadoras das ações que realizamos. Com essas observações, é importante manter atenção e concentração no cotidiano, e nas relações mais próximas e mais imediatas, para que se caracterizem, como busca de sentido e compreensão, do papel que exerce e que exerce, na vida de cada pessoa e na organização social do grupo ao qual pertences. Essa interação e intervenção pode ser um meio de emancipação do modelo civilizatório, ao qual cada pessoa pertence e no qual atua, como ser incluído e emancipado, ou como ser submetido e marginal. (KEIM, 2011)

No contexto da Educação da Emancipação Humana, essas questões se revelam importantes, para a organização de insurreição contra o que desumaniza as pessoas, colocando-as como objetos alienados na produção e no consumo de bens e serviços, sem considerar seus desejos e seus valores, e sem considerar as interações com que promovem os atos e ações característicos de seu viver. (KEIM, 2011)

Dessa forma a cosmovisão é apresentada nesse debate como meio referencial para a educação, na medida em que contribui para o entendimento de qual é o ETHOS⁴ de cada pessoa. Essa palavra em grego, significa o esteio maior que sustenta a barraca dos povos nômades e esse significado, de forma metafórica dá sentido à cosmovisão, como um dos meios fundamentais para sustentar, a compreensão do que caracteriza e orienta a vida de cada pessoa. (KEIM; SILVA, 2012)

Esse sustento, esteio da barraca, de certa forma se caracteriza como as normas e as posturas que remetem ao que dá sustentação à pessoa no contexto da sociedade e, por conseguinte, ao processo civilizatório, sob⁵ o qual a vida se organiza ao nível pessoal, social, comunitário e planetário.

Uma decorrência importante de a pessoa conhecer e reconhecer a Cosmovisão à qual está inserida, está no fato dela esclarecer hábitos e costumes característicos de determinadas comunidades, o que muitas vezes sustenta posições preconceituosas, de forma que, hábitos e posturas que marginalizam, podem sustentar invisibilidade de grupos constituintes da organização social, onde estão inseridos. Dessa forma o conhecimento da origem e da história de cada um, na perspectiva de pessoa, de sujeito, de cidadão e de integrante de uma comunidade, pode ser a chave para que essa invisibilidade seja superada e/ou denunciada.

O contexto histórico também é importante para a compreensão dos vínculos de cada um, com a sociedade, o que segundo Cesar Nunes (2008), remete a pessoa à se insurgir contra as posturas de obediência, subserviência e resignação, que são herança do processo medieval e colonial que gerou nosso modo de ser, como organização civilizatória colonizada.

3. Educação da Emancipação ... um processo que se organiza ...

A modernidade como processo revolucionário, traz a marca de mudança possibilitada por Gutenberg ao desenvolver a produção de textos impressos com tipos móveis⁶, o que se constituiu como uma base do sucesso do movimento revolucionário e insurrecional desencadeado por Martinho Lutero, em 1516, apoiado pelo humanista Philipp Melanchthon e pelo artista e empresário gráfico Lucas Cranach. Esse movimento registrado como Reforma Protestante teve como mote o direito do povo, submetido à tutela da Igreja, de ter acesso ao conhecimento. Lutero entendia que esse direito devia ser estendido a todas as pessoas por meio da Educação, propondo e se empenhando, para que ao lado de cada igreja, estivesse em funcionamento uma escola. (Keim, 2010)

Esse movimento no contexto da educação se mostra gerador de emancipação pelo fato, de ter possibilitado a cada pessoa, o poder de interpretar as escrituras e propagar as leis e os princípios que deveriam reger a sociedade. Dessa forma a educação se mostrou como referencial de libertação do jugo imposto pela tradição medieval, mas também foi a forma utilizada como meio de reação erezistência da Igreja, ao desenvolver o movimento de contra-reforma com a organização da Companhia de Jesus, um exército de padres professores, sob o comando de Ignácio de Loyola.

Essa reação que se caracterizou como um processo mais insurrecional do que revolucionário, por meio da educação se caracterizando como postura meditativa e contemplativa

⁴ Conforme referência do Prof. Dr. Cesar Nunes em conferência em outubro de 2008 na Universidade Regional de Blumenau (FURB)

⁵ Sob, por estarmos abaixo “da barraca”, protegido e delimitado pelo que sustenta nosso ethos, ou nosso modo de ser, construído coletivamente.

⁶ GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

em sua essência, pois Martinho Lutero se amparou em Santo Agostinho (século IV) contrastando com Ignácio de Loyola, que organizou sua ação educativa amparada em São Thomaz de Aquino (século XIII), adotando postura interativa, objetivista e diretivista com base no conhecimento. Essa dupla adesão ideológica e de fundamentação teórica mostra que cada um desses movimentos alcançou seus propósitos, sendo vitoriosos, pois se sustentaram em princípios e não em mera postura ativista, mas se engajaram para promover mudança de forma, que se mostrou, cada qual, altamente eficaz quanto aos princípios operacionais.

Esses dois movimentos, por estarem vinculados e regidos por diferentes forças e poderes, deixam evidente que os processos educacionais são políticos e por isso, não são neutros, ou isentos de intencionalidade, como foi defendido por Paulo Freire.

O movimento educacional promovido pela Cia. de Jesus, executado pelos padres Jesuítas, revitalizou os conceitos de obediência, subserviência e resignação, os quais até nossos dias se apresentam como referenciais em nossa sociedade, e em especial, nos diferentes sistemas escolares e religiosos. Essa postura foi reforçada a partir de meados do século XIX com os princípios do positivismo, que reforçaram o primado do conhecimento e da ciência, e referendaram a submissão do contexto eurocêntrico ao modelo mercadológico, como o mais adequado para o progresso e a ordem.

A subserviência e a resignação, como comportamento já existente como decorrência do regime feudal, e como herança deixada pelos romanos aos povos por eles ocupados, foram mantidas e fortalecidas pelos jesuítas e se mantêm vivos na contemporaneidade. Dessa forma a rapina e a exploração continuam até a atualidade, exercida pelos monopólios industriais e econômicos, os quais se colocam acima de qualquer organização.

Em contraponto a proposta educativa de Lutero traz a marca da interiorização, como processo de individuação, por meio do qual a pessoa se descobre como ser pensante e, portanto, como ser que se responsabiliza e promove sua libertação. Essa abordagem favorece o desenvolvimento das artes e da filosofia e estimula a dinâmica do auto-conhecimento e a capacidade de reconhecimento como ser ativo e reflexivo.

Essas duas abordagens, dos jesuítas e dos luteranos, estão presentes no que caracteriza a educação no contexto civilizatório vigente e carrega em si, inúmeras contradições e divergências, desde o início desses movimentos.

Nesse sentido a educação submetida ao poder, de diferentes movimentos de reação e resistência, não conseguiu superar a alienação e a ingenuidade que impedem reações contra o estado de dominação gerador de miséria, marginalização e barbárie, que perpassa o contexto civilizatório vigente.

Junto com as tradições e contradições apresentadas até aqui, se ampliou e se consolidou uma postura apoiada na “meritocracia”, mobilizada pela organização do mercado, como decorrência da Revolução Industrial, entendida como algo que se sustenta na ilusão de que o valor de cada pessoa, está subordinado a que alguém o proclame, como por exemplo o valor do salário estabelecido pelo patrão; a forma de atribuir títulos e premiações estabelecidas por organizações superiores, ou como elevação na hierarquia funcional. Essa posição como base da organização civilizatória vigente, nega a cooperação e a reciprocidade, como referenciais que atuam contra o individualismo e a acumulação.

Esse desafio se agiganta na medida em que segundo Nunes (2008), a escola deixa de ser um local de desenvolvimento do conhecimento crítico, para se constituir em ambiente de serviço social compensatório e de controle. Isto ocorre na medida em que a escola passa a representar um local de ensino, e também um local de alimentação e atendimento médico. Essa dimensão

assistencial, ao compensar a impossibilidade de a família prover sua prole dos requisitos mínimos, pode se apresentar como agente de acomodação, e não de reação e insurreição, contra o que lhes exclui a dignidade de prover a prole, como o que cabe à família.

Essa argumentação traz para o debate a necessidade de a educação, como elemento social de emancipação, ser tratada na perspectiva e no foco da Ética, como um campo que promove a superação do que a Moral alimenta e conserva. Entendemos ética como a radicalidade em favor da vida com dignidade e, moral, como a radicalidade a favor dos contratos e da organização da sociedade, de forma que Ética e Moral devem ser analisados separadamente, pelo fato delas se manifestarem, como dinâmicas diferenciadas, ou seja, ética referenciada na vida e moral referenciada na dinâmica social, apesar de serem ambas desenvolvidas por meio dos humanos em suas múltiplas e complexas interações.

4 - Princípios Eco-Vitais e Bem Viver como Referenciais de Emancipação

A posição de a educação se caracterizar como processo que implica na mudança da forma como a pessoa se relaciona com os saberes e conhecimentos, seja para negá-los, ampliá-los ou modifica-los, referenciados em dinâmicas de poder e também como postura ética e posição moral, o que aponta para a oportunidade de, por meio dela, anunciar formas que representem esforços no sentido de superar a opressão, a marginalização e a barbárie. Nesse sentido trazemos o BEM VIVER que representa o grito andino a favor da vida da Pachamama, Mãe Terra. Esse grito é a manifestação andina e amazônica, como apelo latino americano e caribenho a favor da vida com dignidade em todo o planeta, portanto, é um grito anti-colonial.

O Bem Viver tem como protagonista a Bolívia que incluiu em sua constituição a responsabilidade das pessoas, com a Justiça, que deve se manifestar como um conceito e postura mais abrangente e mais significativo, que o Direito. Essa diferenciação se deve ao fato de a Justiça significar responsabilidade assumida pelas pessoas e suas organizações sociais e políticas e o Direito significar posições vinculadas e determinadas por alguma instituição humana, por isso ideológica e mais restrita como responsabilidade e também menos vinculada com a libertação. O Equador também figura como um dos protagonistas do Bem Viver, pelo fato de ter inserido em sua constituição os direitos da natureza. Nessa inserção as constituições desses dois países além dos poderes legislativo, judiciário e executivo, inclui o poder popular e o poder eleitoral, caracterizando um estado plurinacional, o que significa a superação da condição de estado nação.

As posições assumidas por esses dois países no cenário mundial, tem relevância entre muitos outros aspectos, pelo fato de apontar que essas propostas veiculam uma proposição de luta anti-colonial e não de harmonia passiva e alienante. Eles colocam como proposição anti-colonial os Direitos da Natureza, manifestos como Princípios Biocêntricos caracterizados como: Princípio de Vida; Princípio das Humanidades e Princípio da Relação Humana como Libertária, movida para a Libertação. Esses princípios, segundo o Prof. Dr. Fernando Dantas⁷ da Universidade Federal de Goiás (2016), caracterizam-se como processo nominado como AJURICRACIA ou seja, relação de fazer juntos permeados pela justiça e não submetido às restrições e controles estabelecidos pelo direito.

Como referência a essa posição de relação ajuricrácica, é fundamental destacar que o direito para os povos originários, se apresenta como produção cultural e com raiz na cosmovisão,

⁷ Informação colhida em palestra desenvolvida pelo Prof. Dr. Fernando Dantas no Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná, em outubro de 2016, tratando das ciências ambientais e o Bem Viver.

por isso o direito no contexto da Ajuricracia se referencia em três pontos referencias do Bem Viver, ou seja, NÃO TER MEDO, NÃO MENTIR e NÃO ROUBAR. A compreensão desses três pontos referenciais mostra que, não ter medo, atua como capacidade de enfrentar as adversidades e as posições colonialistas e escravocratas; não mentir, atua como acreditar na pluralidade dos sentidos, das representações e dos significados de cada palavra, considerando que a fala deve refletir com clareza sentimentos, emoções e posições descritivas e argumentativas, e não roubar, significa em uma posição de não transformar o que é comum e de todos, em algo restrito e particular, isto é, não privatizar o que é coletivo, conforme posição trazida a este texto pelo professor Fernando Dantas.

Apesar dessa equivalência entre as posições Bolivianas e Equatorianas existe um aspecto semântico a ser debatido pelo fato de a Bolívia utilizar a expressão BIEN VIVIR e o Equador utilizar a expressão BUEN VIVIR. Essa diferença no contexto da língua portuguesa tem uma dupla conotação pelo fato de o Bien Vivir significa Bem Viver que é abrangente e plural e Buen Vivir significa Bom Viver que tem conotação de uma vida amparada no que é bom, o que no contexto atual de mercado, consumo e competição, bom é o que está na moda, e é aceito pela maioria, muitas vezes manipulada pela publicidade mercadológica.

Essa expressão representa um movimento inédito, em que os miseráveis do mundo lançam uma proposta para garantir a vida de todo o planeta. Essa proposta encontra na Pedagogia da Pachamama⁸ e na Educação da Emancipação⁹, um esforço para compreensão e viabilização dessa proposta advinda de comunidades originárias, como meio de lutar para a manutenção da vida em nosso planeta, carcomido pela avareza e determinação exacerbada, de acumulação individualista. É nesse sentido que este artigo traz uma reflexão/propositiva de forma pontual e concreta de viabilizar a vida com dignidade.

Trata-se do que se convencionou chamar de Princípios ECO-VITAIS. São princípios pois significam aspectos dos quais não se pode abrir mão. E Eco-Vitais significam que são importantes para todos os viventes, e em especial para os humanos, como seres planetários.

Com esses argumentos chegamos ao que denominamos Princípios Eco-Vitais os quais se caracterizam, como direito inalienável de todas as pessoas desfrutarem com dignidade de: **Alimento** bom e suficiente, para garantir a vida com saúde, de forma a capacitar ao humano, o aproveitamento pleno de suas potencialidades, devendo ser extensivo a toda a população planetária; **Abrigo** que atenda às necessidades de proteção e conforto para o bem estar e o pleno uso das potencialidades de cada pessoa e do grupo social, na forma de moradias que respeitem as necessidades dos humanos quanto a horizonte visual, sonoridade, luminosidade, temperatura, privacidade e arejamento, bem como em vestimentas que respeitem a história e as características regionais e climáticas, tendo o planeta como agente que abriga todos os viventes. **Ocupação** que valorize a capacidade potencial de criação, produção e inteligência das pessoas, ao proporcionar vida como responsabilidade com as consequências decorrentes de seu fazer, e de suas interações, para superar as necessidades coletivas e sociais, com foco no pleno aproveitamento, do potencial de cada um. **Afeto** como meio que promove a amorosidade e a sensibilidade das pessoas com o que gera e promove a vida, bem como para uma sexualidade/conexão amorosa, referenciada no

⁸ Pedagogia da Pachamama é o foco do Programa de Pesquisa, liderado pelo Professor Dr. Ernesto Jacob Keim, junto ao Grupo de Pesquisa: Educação e Emancipação e ao Laboratório: Educação e Emancipação (LEEMA) lotados no centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná.

⁹ Educação da Emancipação é uma proposição pedagógica, amparada na fenomenologia goethiana e é referenciada em Paulo Freire com sua proposta de libertação, sendo referenciada também em Schiller, Goethe e Steiner com a proposição de liberdade.

que gera mais vida e amplia o respeito interpessoal, a autoestima e a dignidade, como agentes que fortalecem cada pessoa, em sua individualidade e em suas interações e relações. **Partilha** como garantia para que todos os humanos se beneficiem com o que é produzido pela humanidade ao transformar materiais e ideias, em melhores condições de vida e maior integração e interação com os ambientes do planeta, de forma responsável, como requisito básico e fundamental para a ética universal dos seres humanos. Essa possibilidade aponta a dignidade na postura de preservar a vida acima dos pressupostos, do mercado ou da ideologia dominadora de acumulação individualista e competitiva. **Cuidado** como responsabilidade coletiva com o bem-estar de todos, para promover relacionamentos e meios que desencadeiem posturas de atenção, respeito e valorização das diferenças e dos diferentes. **Pertencimento** como reconhecimento de que a vida se manifesta como direito de todas as pessoas se reconhecerem inseridas e atuantes em dimensões de tempo, espaço e conhecimento que caracterizem suas formas de viver e apontem para o reconhecimento de estas serem condições próprias à condição de humano, e **Espiritualidade** entendida como a consciência e vocação de todo ser humano em Ser Mais, de forma consciente, de que todos e tudo, desenvolve-se em íntima relação de ecoorganização¹⁰, e de que tudo e todos interagem de tal forma que transcendem a materialidade referenciada em padrões limitados e limitadores de tempo, espaço e conhecimento, concebendo a possibilidade da dimensão imaterial, amaterial e transmaterial, ser debatida como dimensão própria da ciência.

No contexto desses princípios Eco-Vitais, cabe à Educação da Emancipação quanto aos **alimentos**, desencadear luta contra a comida privatizada e transformada em mera mercadoria, como é o caso da transgenia e da produção em série de carnes, com a super-produção de dejetos orgânicos, os quais poluem e degradam ambientes além de interesses econômicos atuarem para eliminação das sementes e matrizes caboclas; quanto aos **abrigos** cabe a articulação para a superação da desumanizadora política de ocupação dos territórios, e distribuição de espaços, referendada pelo mérito econômico, além de debater as formas de transformação energética e material, que esgotam recursos e poluem os ambientes planetários e cósmicos; quanto à **ocupação** cabe a denúncia e instigação das pessoas, para dar dignidade ao seu fazer cotidiano no sentido dele se constituir, em meio que promova a vida e deixe de ser mero meio para obter recursos para a sobrevivência; quanto aos **afetos** cabe à Educação da Emancipação desencadear motivações para a criatividade e a ousadia corajosa, para oportunizar a vida, de tal forma que impere nas relações a reciprocidade, como fraternura, conforme Hugo Assmann, e a ternura conforme propõe Paulo Freire, caracterizada pela leveza, decência e amorosidade, de acordo com Leonardo Boff; quanto à **partilha** cabe debater a perspectiva da sociedade estar dividida em classes, devendo denunciar essa divisão como uma relação em que uns roubam a humanidade dos demais e outros, os oprimidos, são os que têm a humanidade roubada e por isso, são impedidos de usufruir plenamente a condição de humanos; quanto aos **cuidados** a educação deve estimular a comunhão e a parceria, ao desencorajar a competitividade e a mentalidade do individualismo apregoado pela vantagem, desenvolvendo ações direcionadas pelos sete referenciais de cuidado, propostos por Leonardo Boff ou seja: o amor, a justa medida, a ternura diante da vida, a carícia essencial, a cordialidade fundamental, a convivialidade necessária e a compaixão Radical; quanto ao **pertencimento** a educação deve debater em que condições se desenvolve a vida da pessoa no que se refere aos

¹⁰ Ecoorganização se caracteriza como processo de eco-desorganização/organização, o qual se refere à dinâmica planetária (EKOS como casa) na qual ocorrem incontáveis e complexas relações concomitantes e interacionadas, em que tudo se organiza e desorganiza a todo o tempo, como processo infinito e inacabado.

tempos, espaços e conhecimentos que são fundamentais para o desenvolvimento da intensificação, da sensibilização e do ritmos que caracterizam a vida de relação da pessoa com seus ambientes, e quanto à **espiritualidade** a Educação da Emancipação pode estimular os pressupostos da ética e da convivência fraterna e amorosa, que inclui e valoriza o potencial individual com suas particularidades para a construção da identidade coletiva referendada na reciprocidade e na amorosidade crítica e responsável, bem como na cosmovisão e na ancestralidade caracterizada pela transcendência mediada pela tradição e pela espiritualidade, manifestas pelas crenças e pelo conhecimento, desenvolvidos de forma tal, que vai além da objetividade.

Nessa perspectiva, a Educação da Emancipação se caracteriza como processo referendado no desenvolvimento: da **sensibilização**, tratando da cultura imaterial ao valorizar e referenciar a ancestralidade; dos **sentimentos**, tratando da identidade ao perguntar quem somos e o que fazemos no cosmo; das **percepções**, tratando da comunicação e das linguagens com ênfase na cibernética e na semiótica; das **elaborações**, tratando da cultura material dando destaque à produção e à partilha de bens de uso; das **interações**, ao debater as linguagens relacionais que abordam tempo, espaço e conhecimento; dos **conhecimentos**, quando a educação se referencia na libertação, na emancipação e na autonomia; das **relações vitais**, ao abordar o contexto civilizatório com suas reponsabilidades, reconhecimentos e representações e dos **saberes**, inerentes à corporeidade que nos possibilita o reconhecimento de que agimos como seres de relação. Esses oito aspectos advindos das elaborações cognitivas e relacionais da educação desenvolvidos por Ernesto Jacob Keim com lideranças indígenas colombianas da nação Pasto¹¹, dão uma medida de como os princípios Eco-Vitais se relacionam, com os oito referenciais de organização educativa inerentes ao esquema representativo nomeado Sol de Pasto, inerente ao Bem Viver. (KEIM, 2016 a)

Assim, os Princípios Eco-Vitais e os referenciais do Sol de Pasto se caracterizam, como um meio que aponta o desafio de carregar a marca de cidadania planetária, como algo disponível a todos os humanos. Para tal, é fundamental que a ética conquiste e ocupe o espaço que lhe é devido, ao se confrontar com a estética e a política próprias da ideologia do mercado (LUKÁCS, 2003). Essa conquista e esse confronto têm o propósito de romper a ilusão do paraíso e da acumulação egoísta, competitiva e individual, que atuam como sistemas compensatórios aos males presentes. Assim a ética deve e pode se mostrar como responsabilidade e como possibilidade de compromisso com a vida coletiva, pautada na reciprocidade, e para tal, é necessária uma profunda ruptura com os modelos e os paradigmas, que subsidiam o referencial civilizatório eurocêntrico, vigente em nosso meio.

Com base nessa possibilidade e ideal é importante o conhecimento e o confronto dos Princípios Eco-Vitais, como parte inalienável ao Ethos, como Esteio, sob o qual se ergue a vida de cada pessoa, no contexto do processo civilizatório, como dinâmica que nos envolve, a fim de superar a Barbárie vigente com a produção e manutenção de miséria e exclusão as quais garantem riquezas indignas e injustas. Esse confronto pode ser importante base, para uma argumentação de emancipação e identidade humana, na medida em que organiza um movimento educacional, que evolua da resistência para a insurgência, tendo como foco a superação da dinâmica de educação escolar, que silencia, paralisa e subjuga corpos e mentes.

Conhecer o Ethos no contexto dos Princípios Eco-Vitais, pode então significar a capacidade para cada pessoa e cada grupo social se colocar, a serviço da mudança, e não da manutenção do estado de alienação e *acriticidade*, que permeia importantes segmentos da

¹¹ Com destaque para o diálogo desenvolvido com o Prof. José Anibal Cucás Násner na cidade de Tukeres nos andes colombianos, integrante do povo Pasto.

sociedade planetária. Também, pode ser uma alternativa para dar aos corpos dos humanos a devida importância e o devido status de meio de relação e mudança, para promover fartura compartilhada e conscientização comprometida com a plenitude da existência.

Como decorrência dessa abordagem, que apresenta o ethos e os princípios eco-vitais, como fundamento para refletir a dinâmica que norteia a sociedade e o modelo civilizatório no qual estamos imersos, Paulo Freire, segundo ROMÃO (2003) evidencia a opressão como a ação em que a humanidade das pessoas é roubada, e essa ação de rapina se apoia em cultura que naturaliza as ações da sociedade, ao justificar as apropriações que alienam as pessoas, e por isso não percebem que sua humanidade foi roubada e vilipendiada. A esperança freiriana se manifesta no contexto da emancipação, quando evidencia que as pessoas, que tiveram sua humanidade roubada, podem se emancipar e superar essa condição, na medida em que reverterem a naturalização pela historicização, a apropriação individualista e competitiva, pela socialização e na medida em que a alienação é superada pela conscientização e engajamento crítico, a favor de mudanças, que reverterem a condição de humanidade roubada, para uma posição de humanidade compartilhada e recíproca.

Essa condição de humano em permanente processo de libertação assume uma condição que o capacita, a lidar com as fronteiras, como possibilidades de identificação e não de isolamento, que estabelecem entre-espacos numa perspectiva permanente de construção e reconstrução dos ambientes e dos sujeitos. Dessa forma as fronteiras estabelecidas pela história e pela cultura de cada grupo humano, constituem-se em importante ponto a ser focado pela Educação da Emancipação, no sentido de promover uma postura, na qual as fronteiras podem tanto estabelecer isolamentos, como podem promover libertação, delimitando e marcando espacos de resistência e enfrentamento.

Com essa posição a **cidadania** como uma **ontologia planetária** constituída pelo Ethos referendado nos princípios Eco-Vitais se mostra como possibilidade de:

- ✚ Dinamizar o debate referente ao resgate da humanidade dos oprimidos/desumanizados.
- ✚ Questionar a partilha dos bens para reinventar relações e formas de trocas.
- ✚ Desafiar o conhecimento sem alma, sentimento e ética para sua conversão em sabedoria.
- ✚ Priorizar as responsabilidades com a comunidade com base na participação popular.
- ✚ Debater as diferenças entre as classes sociais que fragmentam a vida.
- ✚ Entender a democracia como relação que organiza a sociedade a favor do Bem Viver.
- ✚ Incentivar a responsabilidade como algo maior que os ganhos e as vantagens.
- ✚ Estabelecer limites e possibilidades que caracterizam o cidadão planetário;
- ✚ Denunciar o espetáculo na educação como gerador de ilusão que aliena e escraviza.
- ✚ Destacar que as minorias são partes importantes da humanidade.
- ✚ Estabelecer limites entre o que é profético e o que é essencial no conhecimento.
- ✚ Manter vigilância sobre a tendência do macro, definir o micro.
- ✚ Superar a ilusão de que os que têm mais mandam e quem têm menos obedecem.
- ✚ Acreditar que a periferia viabiliza os grandes centros, que se apresentam como “buracos negros” que absorvem a energia que geram e que recebem.
- ✚ Questionar a tradição de que os direitos devem se manter acima da responsabilidade planetária e social.
- ✚ Perceber política, como participação, emancipação e organização de libertação.
- ✚ Tratar a vida e a sociedade como dinâmica caótica, quântica, relativa e complexa.
- ✚ Caracterizar cada pessoa como um potencial “ser totalmente vivente”.

Com essas posições, ser cidadão na perspectiva de uma ontologia planetária como Ser no Mundo, mostra que as pessoas têm vocação permanente de Ser Mais, o que implica em conhecer

o seu lugar dentro do infinito, e saber que é parte do todo e não apenas do lugar que ocupa. Ser no mundo consciente de seu Ethos, mostra a condição da pessoa, como humana, ser capaz de superar os movimentos que a reduzam a “um não valor”. O “não valor” caracteriza a incapacidade de gerar posses, e assim, a pessoa, incapaz de gerar posses, caracteriza-se pela completa exclusão da riqueza, o que faz com que ela deixe de existir como ser social.

Essa abordagem, como finalização desse item, remete à condição imposta às pessoas, que no contexto civilizatório vigente se encontram na condição de trabalhadores sem contrato de trabalho, o que os coloca socialmente como seres sem acesso aos Princípios Eco-Vitais e por isso se tornam invisíveis. Sem os bens materiais no contexto civilizatório dominado pela ideologia capitalista e neoliberal, a pessoa perde sua identidade ontológica e por isso, sua bagagem epistemológica não se caracteriza como um bem a favor de sua vida, da mesma forma que os saberes tradicionais dos indígenas e dos quilombolas, são rejeitados pelo modelo civilizatório no qual estamos imersos.

Daí a urgência e importância da Educação da Emancipação se caracterizar cada vez mais como ação insurgente e não apenas como processo revolucionário. Cabe então dizer que nas revoluções o eixo em torno do qual ocorrem as ações referentes à vida, fica estático, e nas insurreições, o eixo é deslocado, ficando em movimento até ser fixado nas bases dos ideais, que sustentam o processo insurrecional.

5. O Bem Viver e a Libertação como resgate da Humanidade Roubada

A liberdade como referencial estabelecido e pretendido pelos humanos é para Enrique Dussel (1995), uma posição equivocada, pelo fato de a liberdade não se configurar como algo objetivo ou concreto, mas como uma meta e um referencial a ser alcançado. Dessa forma a libertação, com base nessa premissa, mostra-se como dinâmica que não tem um final previsível, mas se mostra, como permanente processo a ser alcançado e aprimorado. Assim, ao invés de se utilizar a expressão liberdade, segundo Enrique Dussel, deve-se utilizar a expressão libertação (libertação) que enseja um permanente processo de construir e reconstruir e de conquistar e reconquistar a sensação mutante, momentânea e complexa de liberdade.

Outrossim é importante o debate referente à compreensão do que vem a ser liberdade, a qual pode ser conceituada como o direito e a oportunidade de a pessoa assumir responsabilidades e compromissos e de fazer escolhas. Essa posição derruba a posição farisaica de que liberdade é saber agir até alcançar o limite posto, pela liberdade de outrem. Consideramos essa posição equivocada pelo fato de que, não se pode estabelecer a liberdade como algo dependente de referenciais e parâmetros ditados por outrem, até por que, as ações humanas se caracterizam muitas vezes pela complexidade, e não se direcionam a apenas uma pessoa, ou a apenas uma entidade, o que coloca a liberdade e a libertação, como ação limitada pelo direito e vontade de outrem, caracterizando esse processo como uma impossibilidade.

Nesse sentido ao se considerar o que esse artigo já apresentou como referenciais para uma Educação, que promova a Emancipação Humana, para a libertação e a superação do que gera opressão, marginalização e barbárie. Vimos como primeira abordagem a questão da cosmovisão como uma forma de cada pessoa perceber a bagagem cultural e comportamental que herdou de seu povo ou de “sua turma”. Vimos também como a Cosmovisão pode estabelecer aspectos necessários para a verificação de como cada um se situa como agente e como receptor dos Princípios Eco-Vitais. Assim, como último item desse artigo, trazemos o Bem Viver como o anúncio que complementa essa abordagem referente à forma como as pessoas podem agir, para

promover Educação da Emancipação, como insurreição, para desencadear metamorfoses¹² (BACH JR, 2015).

Insurreição e metamorfose que se assentam na superação da alienação e da ingenuidade pela conscientização e criticidade, como meios para perceber as questões que subjazem ao que já está estabelecido.

Fica assim a orientação para o desenvolvimento de conhecimentos que tenham a história e a pluralidade cultural de diferentes povos, que habitam e habitaram esse planeta, como fonte de dados e conhecimentos, para uma política e uma abordagem geradora de libertação e autonomia, como base para alcançar o Bem Viver.

Entende-se Bem Viver como o conjunto de medidas que consideram prioritária a vida planetária. Nessa proposta está a necessidade de superação das fronteiras e barreiras físicas e simbólicas para que alimento, abrigo, ocupação, afeto, partilha, cuidado e espiritualidade, com dignidade, sejam de fato, uma realidade para todos os humanos. Também na perspectiva do Bem Viver a terra e a água são tidas como “vivas e sagradas”, devendo ser preservadas e distribuídas com responsabilidade para que não se contaminem, conforme pregam os sábios andinos. (KEIM, 2016b)

Na perspectiva do Bem Viver, as pessoas e os integrantes da biosfera são acolhidos sem hierarquia de valor, de tal forma que ele vai além do que a sociedade de mercado chama de Qualidade de Vida e de Viver Bem. Qualidade de vida e viver bem se apoiam nas leis do mercado, pois visam o lucro individualizado e a acumulação particular. Qualidade de Vida e Viver Bem, como referenciais individualizantes e acumuladores, não têm como foco, a distribuição equitativa dos recursos e meios, tanto naturais quanto industrializados, para o atendimento das necessidades vitais das pessoas e dos grupos sociais. A Qualidade de Vida e o Viver Bem, são duas propostas que se apoiam na lógica neoliberal de mercado, e como decorrência não se responsabilizam pela miséria, marginalização e barbárie decorrentes de suas ações, as quais são classificadas como efeitos colaterais indesejáveis, mas circunstanciais.

Em contra partida à Qualidade de Vida e ao Viver Bem, a proposta do **Bem Viver** se apresenta como compromisso inegociável com a responsabilidade de viabilizar os Princípios Eco-Vitais como condição e premissa fundamental para garantir a vida, como direito inalienável de todos os humanos e demais viventes, e por isso, podem ser considerados como referenciais essenciais para o desenvolvimento de proposta civilizatória, que se referencia na “Ética universal dos seres humanos” proposta por Paulo Freire, no contexto de toda a sua obra.

O Bem Viver com base nos Princípios Eco-Vitais se caracteriza pelo desenvolvimento de processo civilizatório, que garante vida com dignidade, desenvolvendo meios para lidar com as forças e poderes que agem como encorajadores de projeto humano ousado e necessário, o qual anuncia a permanente necessidade de revisão do processo civilizatório, ao considerar as organizações desenvolvidas e mantidas por humanos, as quais impõem seus fundamentos e princípios aos demais humanos e aos ambientes planetários. A dinâmica dessas relações, na medida em que se caracterizam como políticas, utópicas e ideológicas, caracterizam-se como algo que se desorganiza e se organiza indefinidamente, como processo que gera valores que podem promover novas formas de convivência, que tanto podem promover emancipação da vida como podem cerceá-la.

¹² Metamorfoses como referência à fenomenologia de Goethe, quando se refere a uma mudança efetiva, como o fato de uma borboleta não conseguir voltar a ser lagarta, da mesma forma uma pessoa modificada pelo processo que desenvolve em seu viver, não se mantém a mesma, como era anteriormente.

Esse processo é político na medida em que as pessoas envolvidas tenham consciência das forças e poderes que sofrem e que exercem; que façam debates referentes às implicações com as forças e poderes que sofrem e que exercem; que tenham clareza quanto aos compromissos que assumem frente às forças e poderes que sofrem e que exercem e que se responsabilizem frente aos atos e ações realizadas com base nessas forças e poderes. Essa visão freiriana de política nos remete à percepção de que todas as ações humanas são políticas e por serem intencionais e estarem apoiadas em valores e poderes, são também ideológicas e utópicas. (KEIM, 2001 e 2011)

Essa condição da ação humana não permite que as pessoas se omitam desse debate. Ignorar as forças e os poderes que perpassam a vida e todos os processos constituintes do modelo civilizatório, equivale a uma alienação que transfigura as pessoas em meros objetos de manipulação e jogo, o qual consolida e referenda o poder opressor. Da mesma forma que ninguém pode desconhecer a lei, ninguém pode desconhecer e desconsiderar os poderes e forças que sofre e que exerce. Essa também é uma importante atribuição de uma educação que se proponha emancipadora.

A pessoa reduzida a uma mera coisa produtiva, cuja identidade humana foi roubada, seja em qualquer ambiente, do mais simples trabalho braçal, ao trabalho nas academias, universidades e laboratórios se constitui, em um oprimido invisível. O oprimido é dessa forma, aquele que tem sua identidade negada e sua humanidade roubada. Assim, cabe à Educação da Emancipação, resgatar a condição de que a pessoa somente é sujeito quando está em pleno uso e consciência de seu estado de ser, em permanente e ininterrupto processo de libertação, consciente de sua condição de ser vocacionado a ser livre e ético.

O Bem Viver como referencial de Educação é dessa forma, uma proposta que, a nosso ver, deverá permear todas as atividades que tenham sentido e importância, para viabilizar a identidade da pessoa como ser responsável pela vida planetária e também por sua própria vida, como permanente processo de construção e reconstrução, do que gera vida emancipada em plenitude.

Nessas atividades que são exclusivas dos humanos, a construção da individualidade é um ponto fundamental para a construção da identidade coletiva. Assim a pessoa na medida em que tem sua identidade anulada e sua humanidade roubada perde de foco sua natureza de pessoa vocacionada para a libertação, a autonomia e a emancipação, deixando de ser apta a denunciar e a enfrentar a barbárie em suas inúmeras configurações.

Referências

- ASSMANN, Hugo. SUNG, Jung Mo. Competência e sensibilidade solidária – educar para a esperança. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BACH Jr, Jonas.
- BOFF, Leonardo. Tempo de transcendência. São Paulo: Sextante, 2000.
- _____. Ecologia, Mundialização, Espiritualidade. São Paulo: Ática, 2000.
- _____. Saber cuidar. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DEBORD, Guy. A sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUSSEL, Enrique. Filosofia da Libertação: Crítica à Ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 1995.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

- _____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- _____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GUTIÉRREZ, Francisco. Ecopedagogia e cidadania planetária. São Paulo: Cortez, 2002.
- KEIM, Ernesto Jacob. A complexidade do saber. In. Faces do Saber. BOHN, Hilário I. (org.) Florianópolis: Insular, 2002.
- _____. A Educação e a Revolução Social de Martinho Lutero. Eccos Revista Científica (Impresso), v. Vol. 1, p. 219-238, 2010
- _____. Complexidade e prática educacional. Contexto & Educação/Universidade de Ijuí. 16(64) out/Dez.. 2001.
- _____. Trans e interdisciplinaridade e o ensino disciplinar: uma perspectiva didática. Blumenau: FURB, 2004. (Mimeo)
- _____. A educação na perspectiva da planetaridade. Blumenau: FURB, 2003. (Mimeo).
- _____. Educação da Insurreição. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
- _____. Relatório de Pesquisa de Campo: Pasto, Colômbia; 2016 a.
- _____. Relatório de Pesquisa de Campo: Cuzco, Q'ueros, Perú; 2016 b.
- KEIM, Ernesto Jacob. SANTOS, Raul Fernando dos. Educação e Sociedade Pós-Colonial. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- KEIM, Ernesto Jacob. SILVA, Carlos José. Capoeira e Educação Pós-Colonial. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- LUKÁCS, Georg. Ontologia do Ser Social. São Paulo: Liv. Edit. Ciências Sociais, 1979.
- MESZAROS, Istvan. Educação para Além do Capital. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- NICOLESCU, Basarab. O manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: TRIOM, 1999.
- NUNES, Cesar. Comunicação Oral em seção de defesa de dissertação na Universidade Regional de Blumenau. Blumenau: FURB, maio de 2008.
- SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- SUESS, Paulo. A conquista espiritual da América Espanhola. Petrópolis: Vozes, 1992.
- SUNG, Jung Mo. A idolatria do capital e a morte dos pobres. São Paulo: Paulinas, 1989.
- _____. Deus: Ilusão ou Realidade? São Paulo: Ática, 1996